

# FISCHER CHEGA. BC MUDA

Marcos Savini

Da equipe do **Correio**

**S**tanley Fischer, o número 2 do Fundo Monetário Internacional (FMI), chegou segunda-feira, às 22h30, e muita coisa já mudou na economia brasileira. Ao invés da correria aos bancos da sexta-feira em meio à boataria sobre confisco, o real valorizou-se pela primeira vez desde o início da crise cambial. Francisco Lopes caiu, e Armínio Fraga virou o novo presidente do Banco Central.

Vice-diretor geral do FMI, Fischer é um amigo do ministro da Fazenda, Pedro Malan. Acostumou-se a vir ao Brasil ajudar o colega dos tempos de Banco Mundial (leia matéria ao lado) sempre que as dificuldades econômicas aumentam. Agora ajudará a renegociar o acordo do país com o Fundo.

Em junho do ano passado, quando a crise na Rússia nem havia começado, Fischer já vinha ao Brasil alertar para a possibilidade de que os problemas na Ásia transformassem o Brasil em alvo de ataques especulativos. Nem por isso deixou de tecer abundantes elogios à política econômica de Malan. Enquanto muitos analistas e consultores econômicos alertavam para o tamanho do déficit brasileiro, Fischer garantia que não via

“grande perigo” para o desajuste nas contas do país. “Mantenham firmemente essas políticas nas quais o governo já enveredou e verão que elas trarão frutos”.

Quando a Rússia anunciou, em agosto, a suspensão do pagamento da dívida externa e os investidores começaram a fugir dos países emergentes, o Banco Central subiu em 30 pontos percentuais as taxas de juros e divulgou que iria preparar um ajuste fiscal para diminuir o déficit público. Duas semanas depois, o secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Pedro Parente, negociava metas anuais de receitas e despesas na sede do FMI em Washington. Na semana seguinte, Fischer entrava novamente em ação.

A pedido do amigo Malan, Fischer deixou Buenos Aires e “improvisou” uma passagem pelo Rio de Janeiro, onde reuniu-se com a equipe do Ministério da Fazenda para fechar o acordo com o Brasil, às vésperas do segundo turno das eleições para governador em 13 estados do país.

Cinco dias depois, Pedro Malan já anunciava ao país os termos do ajuste fiscal. Com o programa na mão, o governo pôde então fechar, no dia 13 de novembro, o empréstimo de US\$ 41,5 bilhões com FMI e o BIS (Banco para Compensações Internacionais).

Ronaldo de Oliveira



*Fischer com Malan: do tempo em que tomavam o café da manhã juntos nos EUA, a amizade agora rende elogios do FMI*